



O F A R O L

P A U L I S T A N O.

197



*La liberté est une enclume qui userà tous les
marteaux*

SABBADO 29 DE SEPTEMBRO

DA CORAGEM CIVIL.

Estimaes a Socrates, não é assim? Pode ser desprezível o nome de Barneveldt? Quaes quer que sejam os vossos prejuizos, Malesherbes não vós imprime um certo respeito? Mas se Socrates, Barneveldt, e Malesherbes vivêsem hoje, quantos nóvos perseguidores não terião entre esses mesmos que mostrão admiral-os!

O Divino Mestre dos Apostolos lhes dizia = Guardai-vos dos homens, porque elles vós farão comparecer em seus tribunaes, e açoitar em suas synagogas =

Tal tem sido a recompensa da *coragem civil* em todos os tempos, em todos os logares.

Tem razão a authoridade absoluta de atormentar, de querer sufocar a *coragem civil*, não a tem a authoridade constitucional; é sua melhor amiga, algumas vezes grosseira, incommoda algumas vezes, mas sempre salutar. E que importa um pouco de grosseria em um hemfeitor?

Os funcionarios responsaveis não devem ter tão delicados ouvidos, como Primo, velho monarcha asiático de tal sorte estragado pela lisonja, que a propria mensageira de Jupiter, Iris para lhe falar adoçou a voz e ameigou os gestos.

Para que se convenção da necessidade de conservar a *coragem civil* nos Estados Constituciaes, basta bem estabelecer em que estes diferem dos estados absolutos.

Eu vêjo no primeiro d' estes princípios de governo, a applicação das faculdades e do trabalho de cada-um em utilidade de todos; derivação da justiça e das leis no aperfeiçoamento das Sociedades, a qual se chama Constituição-Representativa: o segundo me apresenta a applicação das faculdades e do trabalho de cada um em utilidade de pequeno número; derivação da conquista na infancia do Estado social, a qual se chama escravidão e clientella entre os antigos, e se chamava ainda entre os modernos, servidão, censo, vassallidade.

Mas a *coragem civil* que outra coisa é senão a sentinella que vigia na applicação constante dos productos communs á utilidade commum, e que grita alarma todas as vezes que os interesses particulares querem invadir o interesse geral? Deve pois a authoridade Constitucional amar e proteger na *coragem civil* o instrumento de sua conservação.

Quando a Constituição Representativa se apoia em longa duração de existencia, a *coragem civil* postoque sempre util á sua prosperidade, lhe é menos imperiosamente necessaria. Ella tem de um lado, por defensores naturaes a generalidade dos Cidadãos nascidos sob seu imperio, educados em suas maximas, e que conhecem a extensão e o limite de seus devêres e direitos; de outro lado, está exposta a muito menos ataques da parte dos fautores da oppressão, e dos aman-

tes dos privilegios, desesperançosos de successo, e temerosos de severas repressões. Mas quando a Constituição Representativa é tão nova como no Brazil, força é que tenha uma grande massa de inimigos entre os homens, cujo orgulho ofende, e cujos prejuizos, ou interesses fere, os quaes a attacão violentamente antes que ella tinha tido tempo de lançar raizes. Mas dir-se-ha no Brazil não há esses privilegios e interesses feridos, não há esse orgulho ofendido; poucos são os prejuizos; não há corporaçoes poderosas; não há nobreza antiga e enraizada; o cléro é pobre; os frades não se aproveitam de suas riquezas, e sua ignorancia, (pela maior parte) os fazem ninamente incapazes de influir na massa geral, e a tudo isso accresce seu pequeno numero. O Brazil é um paiz novo; principiou a sacudir o jugo do despotismo depois d'essas ideas estarem muito sazoadas na Europa, depois de estar toda a America livre. É em geral tudo assim; mas note-se bem, que o Brazil há muito pouco tempo saio do jugo colonial, e passou para o de uma corte velha, corrompida, e que tendo perdido com a invasão Franceza, chegava esfomeada, e setibunda, que ha 6 annos se ausentou, deixando ficar no paiz os máos exemplos de prevaricaçoes, de immoralidade, e muitos prejuizos, e muitos desejos de privilegios.... &c. &c. e parte da gente que os tinha, e grande parte de subalternos e aspirantes. Accrescente-se a isto o emprego indiscreto d'essa mesma gente nos logares que foi preciso encher pela ausencia dos da corte velha que os exercião. Os novos empregados afeitos a rojarem na poeira dos çapatos de seus superiores quizerão, e querem fazer tudo quanto elles fazião, e que os seus inferiores sofrão tudo quanto elles sofrião. De mais a creação de novos titulares feita pela mor parte sem escolha de serviços e meritos, e, o que muito mais é, talvez tirada d'aquelles que menos amor e tendencia mostravão á nova ordem de cousas, fez nascer esperanças de privilegios e sisão de interesses. Ora isto que na Corte acontece e que influe não pouco nas Provincias, acha nas Provincias appoio no simulacro de corte, que os Capitaens-Generaes fazião haver nas Capitães de cada-uma d'ellas, e que mais ou menos se ramificavão pelas Villas, aonde os

Capitaens-móres se não esquecião de reproduzir o simulacro das Capitães. Mas tudo isto é fraco, tudo isto é novo, tudo é pequeno, assim o é, mas o povo há muito pouco tempo que saio da oppressão, ainda estão debeis as forças de reacção, ainda é muito pouco instruido o Povo Brasileiro, e a ignorancia é humilde e soffredora. Accrescente-se a isto tudo a facção Portugueza, que parece trabalhar occulta, mas fortemente contra a liberdade, e independencia, e em geral contra a prosperidade do Brazil, por que está persuadida que se não podem congrassar os interesses das duas partes separadas da outr'ora Nação Portugueza. Esta facção posto que em algumas partes fraca por pequena em numero e em faculdades pecuniarias, em outras é forte em ambas as cousas; e desgraçadamente na Corte consta-nos que é fortissima e apoiada por quem talvez o não devêra ser, isto é, pelos altos empregados (não diremos todos) os quaes devem quasi tudo quanto são á Independencia. Nem é só na Corte, mas sim tambem nas principaes Cidades maritimas do Imperio, aonde se ligão ao poder, e lhe dão uma apparencia de força, que elle não tem realmente, porque esta mesma união o desacredita na opiniao geral dos Brasileiros, que são em muito maior numero, e que vão sempre augmentando, não só phisica, como moralmete, em instrucção, em riquezas, em nacionalismo, e Constitucionalidade. Temos a fortuna de poder assegurar que a nossa Provincia é quasi livre d'esse mal que ultimamente mencionamos, e que é realmente grande. Tambem cumpre-nos dizer, como tributo á verdade, que não poucos dos Europeos aqui residentes são amigos do frosso delicioso paiz. Tornamos a repetir que a nossa Provincia appresenta muitos ou quasi todos os nascidos em Portugal uniformes em sentimentos conosco; mas que se algum haverá que o não seja, mormente pelo que tóca á Constituição, temos outros que nos farião honra se tivessem nascido em o nosso sólo. Alguns ha a quem sentimos não podêr chamar nossos completamente. Não foi só nos Estados-Unidos que appareceo um Thomaz Paine, o Brazil tambem conta o seu, e a Provincia de S. Paulo tem a honra de o possuir. Apesar do que temos dicto, não julgamos todavia que os males enumerados sejaõ de grande força, mormente se exclu-

mos o que provém dos empregados e da pretendida aristocracia; por as outras classes como são os agricultores, ou mercantis, não tem o grande estímulo do mal, isto é ambição de opprimir, antes pelo contrario de dia em dia irão conhecendo as vantagens da liberdade, que será á medida que maior, e mais segura fôr, a mais decidida e válida protectôra dos seu proprios interesses particulares. Não nós seria difficiloso dar provas de nossas asserçoens; antes nos veriamos embaraçados por causa do numero, na escôlha d'ellas. Seus discursos, seus escriptos, seus actos, tudo revêla a intençaõ, que os anima. A Gazeta do Brazil, e o mais que d'ella se sabe chega, e sobra para abonar nossas opinioes.

Entretanto a *coragem civil* que desmascára seus actos, e combate seus escriptos, é tractada de revolucionaria. Em toda a parte chama-se máo cidadão aquelle que ataca a Constituiçãõ do seus paiz, entre nós a quem a defende.

Apenas a coragem civil clama contra a aristocracia, que se quer surrateiramente estabelecer no Brazil, terreno que a repulsa, e que nunca a aceitará, parece aos olhos previnidos e desattentos que o ataque é contra a Monarchia. Quando se clama pela liberdade concedida pela Constituiçãõ, para gloria e estabilidade da Corõa, affectaõ crer que se deseja a demacracia, que disfarçadamente se inculca. Debalde se affirma que o Brazil só quer a Monarchia-Representativa; sonhão os corcundas com republicanismo. Quanto mais leal e patriótica é a coragem civil, tanto mais elles se enraivecem contra ella.

Calle-se a coragem civil, ou seja punida: tal é a sentença que preferem, e que seria irrevogavel se seu poder fosse tão absoluto como sua vontade.—Calle-se a coragem civil, ou seja punida! Mas que! se ella patentêa a desordem das finanças.—Que se calle—Prevaricaçoens, oppressoens publicas e particulares? Que se calle; que as entrânhas da terra a devam com seu segredo.—O nobre Castelhana, que, por ordem de Filipe 2.º, estrangulou D. Carlos, lhe dizia tambem que se callasse—, Calle-se Sr. D. Carlos, calle-se, tudo isto, é para seu bem—,

E' pois necessario que triumphe ou a Constituiçãõ ou os corcundas. A ordem publica assim o exige; porque a acção prolongada d'estes dois elementos contrarios

tende a perturbar, confundir e dilacerar tudo. A moral tambem imperiosamente o exige; e com effeito. tão desgraçada combinaçãõ traria inevitavelmente um flagello deploravel, isto é, a mentira contínua nas palavras, e a contínua hypocrisia das pessoas....

Esperando o fim d'esta lucta cruel, em quanto durar a CONSTITUIÇÃÕ; deposito confiado pelo AUGUSTO DEFENSOR PERPETUO á energia dos cidadãos Brasileiros, nós continuaremos a ser seu defensor determinado. A coragem civil, esta irmã de outra coragem que nunca d'elle se devêra ter separado, continuará a contar-nos por seu mais intrepido athleta; sem atacar as pessoas, sem responder á personalidades, prosseguiremos nosso caminho, tal qual no-lo-tem traçado a CONSTITUIÇÃÕ. Muitos homens de bem nos assegurarão que somos uteis, e por isso que não temamos trasviar-nos. Se a CONSTITUIÇÃÕ succumbir em fim.....mas ella não hade succumbir; o principio de sua fôrça é indestructivel. Temos a muito forte opinião publica, sempre crescente; temos os progressos da civilizaçãõ; temos mais que tudo o IMMORTAL PEDRO PRIMEIRO que não hade querer, como o Saturno da Fabula, devorar sua propria filha. Elle a manterá, e o Brazil será Constitucional e livre. Já não pôde retrogradar.

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor—Como Vm. tem acolhido benignamente em sua folha minhas mal compostas linhas, quaes podem ser produzidas por um principiante, supponho, não desdenhará inserir n'ella tambem a diffiniçãõ abaixo-transcripta, ou desenvolvimento da accepção unica, em que se deve tomar a palavra *igualdade*.—Desde que felizmente se estabeleceu entre nós o systema Constitucional, não poucas vezes, e com razãõ, se usa d'este vocabulo; porquanto é a igualdade dos cidadãos uma das bases, em que assenta aquelle abençoado systema. Como porem, não ha no mundo cousa alguma em si mesma sancta, e innocente, de que a ignorancia, ou a malicia dos homens não seja capaz de abusar, acontece, que da palavra—*igualdade*—se tem abusado muito, e por diversos modos. Abusãõ os simplices e ignorantes de boa fe, suppondo, que esta palavra exclue absolutamente toda a

idea de differença entre os homens; e n'este sentido acreditão, que o subdito é igual ao Magistrado: abúso perigoso; mas fácil de obviar-se; porquanto a ignorancia dissipa-se com o ensino, e cessando a causa desaparece o effeito. Outro abúso há certamente ainda mais perigoso e formidável, assim em sua origem, como em suas consequencias; tal é o que ardilosos practicaõ e manejaõ com a mais refinada malicia, os absolutistas infrenes e despejados. Dizem elles (eu os tenho ouvido com o profundo desprezo, que lhes voto), „ Não verá Vm. vem um... um tal... &c — e diz — *eu sou um cidadão — sou seu igual.* —

Orã não sé dá querer um pobretão d'estes ser igual a mim que sou um *homem de bem!!!* e hade querer-se a Constituiçãõ, que expõem os homens da minha qualidade a soffrer estes insultos?... „ O fei de taes expressoens assás deixa vêr, Sr. Redactor, o abuso grosseiro que estes pretendidos homens de bem fazem de palavra — *igualdade* consagrada na Constituiçãõ, procurando assim, e por tantos outros meios cavilhosos, reduzir os incautos ao partido, que deve servir a seus infames e criminosos fins. Este abuso, quanto á sua origem, parece irremediavel, porque não provindo da ignorancia, sim da malicia, visto que os mãos não se corrigem facilmente. E' porem possível atalhar-se em sua consequencia, diffundindo-se e propagando-se a instrucção publica. Assim é, que rogo-lhe, Sr. Redactor, a divulgaçãõ da seguinte diffinição analytica da igualdade dos Cidadãos, extractada de auctor seguido, que diz assim —

„ Pela palavra *-igualdade-* deve entender-se, não uma igualdade dos homens em si mesmos, mas da lei para com todos os homens. Em vão tentarião estes fazer-se iguaes entre si, quando a mesma natureza o tem vedado. Ainda em seu primitivo estado natural cousa é fácil de perceber-se, quanto influiria a differença, que há entre o forte e o fraco; o activo e o indolente; o prudente e o nescio; o avisado e o tonto. A desconfiança, que reinaria entre uns e outros, e a pouca segurança, com que viverião, fêl-os reúnir em sociedade. Ao entrar n'este pacto social tornou-se evidente a necessidade de estabelecer leis para os homens, que compunhão a Associação, e que para isto devião ser escolhidos, e

preferidos os que erãõ dotados de talento aos que o não tinhão. A estes ultimos foi-lhes indifferente conferir seus podêres aos primeiros, com tanto que as leis, que estabelecessem, fossem iguaes, isto é, que nem elles mesmos, qualquer outro homem, pudessem fazer cousa alguma, que pela lei não fosse permittida ao resto dos Associados: tal é o sentido unico em que os homens podem ser iguaes, em quanto tem todos o mesmo direito de serem sem distincção protegidos pela Lei, —

Sou, Sr. Redactor, seu muito respeitador

O Principiante de Francez

ANNUNCIOS.

Com este n.º finda se a subscripção do 2.º trimestre. Os Senhores que quiserem continuar a honrar nos com a sua assignatura, fação constar isto mesmo na Officina da Typographia, para se lhes entregar os n.ºs seguintes.

— *Vende se na Freguezia de S. Francisco de Paula d'Oiro Fino, Provincia de Minas-Geraes, e Bispado de S. Paulo a Fazenda de Sta Isabel, situada nas ferteis margens do rio Mogi, e cortada pelo ribeirão de Sta Isabel, distante da Freguezia uma legua, e da de Poiso Alegre sete. O terreno se acha em bom estado. Tem Engenho novo com alguns cobres, casa, payol, moinho, tudo cuberto de telha; plantação de canna miúda e cayêna, carros, bois, e mais criaçoens do costume, e alguns animates de serviço. A sua extenção é de 3 leguas quadradas com sesmaria medida com pastos feitos e bons ataques, sendo um d'estes, uma legua de mata virgem guardada pelo rio Mogi. Tem proporçoens para 3 grandes Fazendas, podendo ser uma de criar. Há nas mesmas terras de mineraçãõ de muito bom jornal, e no geral produz toda a qualidade de grãos, e com particularidade cannas de assucar. Vende se com alguns escravos: quem a quizer comprar se dirija no Rio de Janeiro ao Capitão Antonio José de Castro & Irmão, e em S. Gonçalo da Campanha da Provincia de Minas Geraes a João Antonio de Lemos — A venda é a dinheiro contado.*

— *Quem quizer comprar uma morada de casas de sobrado, sita na rua do commercio d'esta Cidade, n.º 4, dirija se ao Vigario da Villa de S. Carlos que se acha residindo nas mesmas.*

— *Vende se uma Escrava crioula de 16 annos de idade, corpulenta e sadia propria para o serviço que se quizer: quem pertender procure a Marceolino da Costa Farcató que é seo Sr. e mora na rua da Boa Vista casa n.º 47 n'esta Cidade.*

— *A Manuel Ribeiro Maltez da Villa de Sanctos no dia 2 do corrente fugio um escravo indã bóçal, de nação Nagó, bem preto, baixo; olhos avermelhados, gordo, nariz chato, tem um tornozello metido para dentro: levou calça e camiza de algodão, e um jaqueco de bueta azul meia côr em bom uso com botões grandes de chumbo.*

— *A Manuel Dias da sobredicta Villa fugio tambem n'aquelle mesmo dia um escravo da mesma Nação, baixo, bonito, tem tres riscos em ambos os lados do rosto desde o canto da orelha até a bocca, e algum tanto fula, levou camiza e siroula novas de algodão, um jaqueco preto e bueta encarnada, e dois lençoens, um de linho e outro de cassa grossa.*